

# Crise é desafio para novas metas de FHC



Otimista com a expectativa de vitória hoje, FHC passeia nos jardins do Alvorada: "Votem livremente"

Se se confirmar vitória nas urnas, presidente terá de adiar por 2 anos índices projetados para área social

CLÁUDIA CARNEIRO

**B**RASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso está a um passo da reeleição neste domingo, mas a crise financeira internacional já deu o tom para um segundo mandato. Confirmada a vitória nas urnas, o presidente enfrentará uma situação de emergência na economia, com a dose correspondente de incerteza política e terá de adiar para o segundo mandato as metas sociais que sustentam sua plataforma de governo. O comitê de Fernando Henrique trabalha para que o presidente tenha uma vitória ainda mais expressiva que a de 1994, o que dá a dimensão das dificuldades que ele terá de enfrentar.

O panorama do segundo mandato é refletido no novo temor da população. Antes, o campeão do medo era o desemprego, que, pelas estatísticas oficiais, atinge quase oito em cada cem brasileiros em idade de trabalhar, mas deu lugar ao medo da volta da inflação. Pesquisa do Instituto Vox Populi feita para a Confederação Nacional do Transporte, mostra que 43% dos brasileiros temem uma desvalorização do real e o retorno da inflação, enquanto 35% temem que o desemprego aumente com a crise. "A campanha nos ensinou que a estabilidade se transformou em um valor permanente", constata o coordenador-geral do comitê de reeleição de Fernando Henrique, Eduardo Jorge Caldas.

Para não deixar o real afundar, o combate ao desemprego e as metas sociais perdem prioridade no próximo governo, constata analistas políticos. "Os planos de Fernando Henrique estão no mínimo adiados para a segunda metade do novo mandato, já que na primeira ele terá de atravessar o olho do furacão, porque reagiu tardiamente à crise", avalia o presidente da Associação Brasileira dos Consultores Políticos, Gaudêncio Torquato. Para ele, "o presidente passou o último ano com olhos embaçados pelo projeto da reeleição, enquanto deveria ter-se voltado para a sociedade e conseguido urgência nas reformas". O cientista político David Fletcher, da Universidade de Brasília (UnB) reforça: "O presidente ficou refém da reeleição por muito tempo e agora poderá ficar refém dos governadores para alcançar o ajuste fiscal necessário no setor público."

Os consultores do Palácio do Planalto pensam bem diferente. "Não importa quem seja vencedor nas eleições estaduais, os governadores não terão outra opção senão a de enfrentar um profundo ajuste fiscal no primeiro ano", comenta um auxiliar do presidente. Eles concordam que para o País voltar aos trilhos, o ajuste das contas públicas em 1999 não poderá ser inferior a R\$ 30 bilhões. "É impossível fazer um ajuste tão profundo no próximo ano, sem o envolvimento de todas as esferas do governo", ressalta o coordenador do programa de governo de Fernando Henrique, Carlos Pacheco.

Pacheco prevê medidas adicionais às já propostas para que Fernando Henrique cumpra sua missão de gerar empregos e achar a solução para reduzir o déficit público sem provocar recessão. O que vai ditar o ritmo do crescimento é a redução gradual das taxas de juros e isso depende basicamente do financiamento do déficit extra de transações correntes, que por sua vez depende da ação dos bancos ricos e as negociações mantidas com o Brasil", defende Pacheco.

**Expectativa** – Otimista com a expectativa de vitória nas urnas, Fernando Henrique passeou, na manhã de ontem, pelos jardins do Palácio da Alvorada, posou para fotos e cumprimentou turistas que lhe desejaram sorte. O presidente esquivou-se de conceder entrevista, por ser impedido pela legislação eleitoral, mas pediu aos eleitores que compareçam às urnas. "Votem livremente", afirmou.